

PSICOLOGIA DO ESPORTE E DO EXERCÍCIO

Modelos Teóricos, Pesquisa e Intervenção



ORGANIZAÇÃO

Erick Conde | Alberto Filgueiras

Luciana Angelo | Adriana Pereira

Cristianne Carvalho

PASAVENTO 

Copyright © 2019 Organizadores
Psicologia do esporte e do exercício © Editora Pasavento

Editores
Marcelo Nocelli
Rennan Martens

Revisão
Natália Souza

Design e editoração eletrônica
Negrito Produção Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta (CRB 7/5880)

Psicologia do esporte e do exercício: modelos teóricos, pesquisa e intervenção / Organização Erick Conde... [et al.]. – São Paulo: Pasavento, 2019.
416 p.; 16 × 23 cm.

ISBN 978-85-68222-38-6

Outros autores: Alberto Filgueiras, Luciana Angelo, Adriana Pereira, Cristianne Carvalho

1. Esportes – Aspectos psicológicos. 2. Autorrealização. 3. Sucesso. I. Filgueiras, Alberto. II. Angelo, Luciana. III. Pereira, Adriana. IV. Carvalho, Cristianne. V. Título: Modelos teóricos, pesquisa e intervenção.

P974

CDD 158.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Esportes – Aspectos psicológicos
2. Autorrealização
3. Sucesso

Todos os direitos desta edição reservados à:

EDITORA PASAVENTO
www.pasavento.com.br

CAPÍTULO 1

A psicologia do esporte no Brasil como ciência do esporte e do exercício

Cristianne Almeida Carvalho

O percurso do saber psicológico no meio científico sempre foi árduo em função da diversidade e peculiaridade dos objetos de estudo que a Psicologia tem se proposto a estudar, considerando a complexidade da dinâmica existencial do ser humano. A possibilidade de a Psicologia estar presente em contextos sociais diversos, possibilita o surgimento de novas práticas psicológicas a exemplo da Psicologia de riscos e desastres¹, Psicologia e Políticas Públicas, como atuações recentes que ainda estão se constituindo teórica e metodologicamente.

No entanto, algumas referências como a publicação do Conselho Federal de Psicologia (CFP), “O Psicólogo Brasileiro” (Achcar, 1994)² e autores como Rubio (1999), Vieira, Vissoci, Oliveira e Vieira (2010) que servem de referências aos interessados pelo tema, consideravam em suas publicações a Psicologia do Esporte (PE) também como uma área emergente. Veremos que o processo de constituição da Psicologia do Esporte no Brasil acompanhou o percurso histórico da Psicologia brasileira, a partir das primeiras décadas do século XX, mas, atualmente, não lhe cabe mais o status de emergente, uma vez que quase um século depois, configura-se como um campo de atuação diversificado para o psicólogo legitimado como especialidade pelo Conselho Federal de Psicologia desde 2000.³

- 1 Nota técnica do Conselho Federal de Psicologia [CFP] (2012) sobre atuação da psicologia na gestão integral de riscos e de desastres, relacionadas com a política de proteção e defesa civil.
- 2 Psicólogo Brasileiro: Práticas emergentes e desafios para a formação (1994) é a terceira publicação decorrente das pesquisas realizadas pela Câmara de Educação e Formação Profissional do Conselho Federal de Psicologia. Aborda as áreas de Psicologia Jurídica e do Esporte como emergentes para atuação do psicólogo. (Achcar, 1994).
- 3 Resolução CFP nº 13/2007 que institui o Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. Revogou em seu artigo 3 das resoluções

Para além dos desafios e avanços que a Psicologia do esporte ainda tenha em seu caminho, vale ressaltar que esse título, no âmbito profissional de seus órgãos reguladores, “[...] embora não constitua condição obrigatória para exercício profissional, atesta o reconhecimento da atuação da psicóloga ou do psicólogo à determinada área da especialidade, qualificando a formação do profissional.” (CFP, 2017, p. 1).

Para que tais práticas profissionais se estabeleçam de forma consistente, em seus aspectos teórico e metodológicos e adquiram reconhecimento social, um processo de construção e desenvolvimento com a participação de pessoas, eventos e outros campos de saber foram necessários. Tais ações podem ser consideradas emergentes para a construção da Psicologia do Esporte.

Segue-se que nesse capítulo, abordaremos a Psicologia do Esporte no Brasil, como esta é definida na condição de especialidade, ilustrando o percurso histórico de seu surgimento, os desdobramentos e consequente aplicação nos diversos campos de atuação.

Psicologia do esporte: ciência do esporte e uma especialidade da psicologia

A Psicologia no Brasil configura-se como uma área de conhecimento regulamentada em 1962, segundo a Lei n. 4.119 (1962), com a formação de Psicologia nas Universidades oficializadas pelo Conselho Nacional de Educação através do Decreto n. 403/1962⁴. No entanto, desde o fim do século XIX, para Massimi (2006), já se tem registros significativos do saber psicológico no país nas diversas áreas, ainda que a serviço de outros saberes como disciplina nos cursos de Medicina, Educação Física, Pedagogia, entre outros.

Aos poucos o saber psicológico foi se consolidando a partir de práticas e interfaces diversas, por personagens de áreas de conhecimentos distintos, desde as primeiras décadas do século XX. Assim, considera-se que a psicologia do Esporte é um exemplo disso, primeiro como Psicologia do Desporto e, depois, Psicologia do Esporte. Diante de sua amplitude de atuação, hoje também é denominada de Psicologia do Esporte e do Exercício.

anteriores como a Resolução CFP 01/2000 que já instituíra esse título à psicologia do esporte (CFP, 2000).

4 O Parecer do CNE n. 403 de 1962, do Conselho Federal de Educação estabeleceu o currículo mínimo e a duração do curso de Psicologia para o bacharelado com duração de quatro anos e o quinto ano compondo as disciplinas da Formação de Psicólogo (Degani-Carneiro, 2014).

Antes de configurar-se como uma nova prática *psi*, os fenômenos psicológicos e seus conteúdos teóricos são inicialmente absorvidos em disciplinas aplicadas a esse contexto. No entanto, dificuldades teóricas, metodológicas e interdisciplinares compareceram, uma vez que o psicólogo se insere em um contexto já definido, nesse caso o universo esportivo, o qual, a priori, é composto por profissionais de outra área de saber, nesse caso a Educação Física.

Mais tarde, essa inserção teórica suscitou a necessidade de aquisição de novos conhecimentos para além da Psicologia e sua compreensão sobre a subjetividade. Aproximando-se por essa via, no cenário das modalidades esportivas, aos poucos a Psicologia vai edificando um saber e um fazer diferenciado capaz de compor as chamadas Ciências do Esporte⁵, juntamente com Antropologia, Filosofia, Sociologia, Medicina, Fisiologia e Biomecânica do Esporte.

Embora seus indícios de surgimento no Brasil datem nas primeiras décadas do século XX, como aponta Carvalho (2012) e Carvalho e Jaco-Vilela (2009), só em 2001, a Psicologia do Esporte se legitima como prática profissional e especialidade do saber psicológico conforme a Resolução CFP nº 1 (2000). Para Degani-Carneiro (2014) esse processo não ocorreria se já não houvesse um movimento anterior de uma categoria profissional emergente. A referida resolução apresenta a atuação do psicólogo do esporte

[...] voltada tanto para o esporte de alto rendimento, ajudando atletas, técnicos e comissões técnicas a fazerem uso de princípios psicológicos para alcançar um nível ótimo de saúde mental, maximizar rendimento e otimizar a performance, [...]. Estuda, identifica e compreende teorias e técnicas psicológicas que podem ser aplicadas ao contexto do esporte e do exercício físico, tanto em nível individual – o atleta ou indivíduo praticante – como grupal – equipes esportivas ou de praticantes de atividade física. [...] Sua atuação é tanto diagnóstica, desenvolvendo e aplicando instrumentos para determinação de perfil individual e coletivo, [...] quanto interventiva atuando diretamente na transformação de padrões de comportamento que interferem na prática da atividade física regular e/ou competitiva. Realiza estudos e pesquisas individualmente ou em equipe multidisciplinar, observando o contexto da atividade esportiva competitiva e não competitiva, a fim de conhecer elementos do comportamento do atleta, comissão técnica, dirigentes e torcidas; [...] elabora e participa de programas e estudos de atividades esportivas educacionais, de lazer e de reabilitação, orientando a efetivação do esporte não competitivo de caráter

5 Conjunto de áreas do conhecimento humano ligadas aos estudos das técnicas e métodos usados no treinamento e na preparação física de indivíduos e equipes para competições esportivas.

profilático e recreacional, para conseguir o bem-estar e qualidade de vida dos indivíduos. [...]. (CFP, 2007, p.20).

Além dos objetivos no esporte citados acima como a iniciação esportiva, reabilitação, lazer e recreação ou ao esporte de alto rendimento, a atuação do psicólogo do esporte ainda inclui o cuidado da pessoa que pratica atividade física, independentemente da faixa etária ou da modalidade esportiva.

Essa amplitude de atuação da psicologia do esporte favorece a existência de definições diversas como ilustram Rodrigues e Azzi (2007) em sua obra *Trilhando Caminhos em busca de iniciação na área*. Para a Federação Europeia de Psicologia do Esporte (FEPSAC) a psicologia do esporte compreende “[...] os fundamentos psicológicos, processos e consequências da regulação psicológica de atividades relacionadas com o esporte de uma ou várias pessoas atuando como sujeito da atividade. [...]”. (p.23)

Weinberg e Gould (2008) a denominam como Psicologia do Esporte e do Exercício, afirmando que “[...] é o estudo científico de pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas e a aplicação desse conhecimento [...]”. (p.28). Compartilham dessa ideia Barreto (2003) e Samulski (2002), para citar algumas publicações precursoras. Contudo, além da perspectiva competitiva e de alto rendimento esportivo, a PE contempla também a iniciação esportiva, as atividades físicas em geral, assim como as atividades em tempo livre e de reabilitação (Rubio, 2003).

Observa-se nas definições apresentadas que a inserção da Psicologia no cenário esportivo prescinde de uma interface das teorias e fenômenos psicológicos com a atividade física e a prática esportiva em geral. Torna-se fundamental, ainda, uma interlocução multidisciplinar com os demais saberes e profissionais que atuam no universo esportivo.

Esporte como fenômeno moderno e social

É inequívoco que a Era Moderna propicia mudanças e novos padrões sociais. Neste sentido, o esporte não fica fora dessas transformações. Mas para entender melhor a inserção da Psicologia no universo esportivo é importante considerar a perspectiva sociológica de esporte como fenômeno social moderno ocidental.

Na virada do século XVIII para o XIX o esporte tinha a função de entreter e satisfazer as pessoas, além de controlar seus impulsos. Para Capraro (2009) as sociedades europeias utilizavam-se das atividades esportivas para manter um

rígido controle da violência através de situações de competitividade e rivalidade legalizadas e regulamentadas. Além disso, o esporte servia de autocontrole, pois era um dos fatores fundamentais para o fortalecimento de uma nação e identidade nacional. Veremos mais adiante que, no Brasil do século XX, o cenário de surgimento da Psicologia do esporte não foi muito diferente.

Além de uma atividade de lazer, o esporte ganhou potencial representativo em diversas nações europeias, incluindo a possibilidade de superioridade racial, haja vista os Jogos Olímpicos de Berlim (1936) (Capraro, 2009).

Para o historiador inglês Hobsbawn (1990) a rivalidade amistosa entre nações e as disputas institucionalizadas regulares serviam de válvulas de escape para tensões grupais. Assim, “o esporte como um espetáculo de massa foi transformado numa sucessão infundável de contendidas, onde se degladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações, o que hoje faz parte da vida global” (p.170).

Algumas modalidades rapidamente se destacavam nesse formato, como o futebol, onde o contraste entre classes sociais se faz presente. No entanto, o historiador alerta para o fato de existirem outros elementos socioculturais para se pensar o esporte além do aspecto econômico. Além disso, Elias e Dunning (1990) apontam que o esporte, como o concebemos na contemporaneidade, difere da atividade física existente em outras épocas como a caça e a pesca, as quais garantiam a sobrevivência; jogos gregos e romanos, entre outras práticas, onde o rígido controle de regras não estaria presente. Com o surgimento das regras, era necessário fiscalizá-las. O cenário moderno criou, então, a necessidade de institucionalizar as práticas esportivas.

Assim, o acordo sobre as regras e condutas sociais relacionadas ao esporte necessitava de uma entidade soberana que pudesse exercer fiscalização e cumprimento de todas as regras e normas, surgindo nesse momento os árbitros e fiscais. (Capraro, 2009, p.20).

É neste contexto da Era Moderna que a Psicologia brasileira também se constitui como disciplina científica autônoma e insere-se em diversos saberes. No âmbito da prática esportiva, os fenômenos psicológicos presentes nas demandas da atividade física e do esporte moderno aproximam a Psicologia da Educação Física⁶.

6 Os primeiros cursos de formação em Educação Física no país (Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), em 1932; Escola Nacional de Educação Física (ENEFD), da Universidade do Brasil, em 1939) traziam entre suas disciplinas “psicologia aplicada” cujo conteúdo versava sobre

Assim, a Psicologia do Esporte (PE), como especialidade do saber psicológico, ilustra mais uma faceta da modernidade, onde o individualismo se estabelece mediante um confronto entre as demandas externas impostas à pessoa (controle do corpo, resultados de rendimento, superação de limites, etc.), às suas necessidades e limitações internas.

Indícios de surgimento da Psicologia do esporte no Mundo

Mundialmente, tanto na Europa como nos EUA, essa área de atuação dá indícios de surgimento no fim do século XIX, com ênfase nos estudos norte-americanos os quais obtiveram destaque em função de ampla divulgação, favorecendo maior possibilidade de acesso aos estudos de seus pesquisadores. De acordo com Rubio (2000) e Weinberg e Gould (2008) e os primeiros registros da Psicologia do Esporte norte-americana datam de 1890. São os estudos sobre ciclismo de Norman Triplett, psicólogo da Universidade de Indiana e pesquisador sobre as motivações que levavam ciclistas a treinar em grupo e terem melhor desempenho sobre aqueles que treinavam sozinhos. Tais estudos figuram próximos ao surgimento do Movimento Olímpico, em 1896, criado com o objetivo de promover a paz entre os povos através do esporte.

No cenário norte-americano nos anos 1920 e 1930, Coleman Griffith (1893-1966) também se destacou por sua atuação na Psicologia do Esporte. Publicou vários artigos e livros voltados à temática – *Psicologia de Técnicos* (1926), *Psicologia de Atletas* (1928) – e dirigiu o primeiro laboratório de Investigação em Atletismo na Universidade de Illinois, onde também criou, em 1925, o primeiro curso de Psicologia do Esporte (Green, 2003).

Na Europa, em meados do século XX, os estudos do médico russo Pyotr Fanzevich Lesgaft (1837-1909) serviram de base para o sistema de Educação Física soviético. Para Riordan (2009), tais estudos descreviam possíveis benefícios psicológicos da atividade física utilizando noções como “[...] *harmonious development*, *of social awareness and self-realisation through physical education, of the principle of gradual and consistent training*, [...]” (p.7)

A Psicologia, voltada ao esporte na antiga União Soviética, recebeu em função da relevância dada aos resultados esportivos, todo apoio do governo da época, pois utilizavam indicadores comparativos entre as potências capitalistas

teorias e constructos psicológicos que serviriam para compreender os aspectos morais e comportamentais do homem.

e comunistas, impulsionando as atividades de seleção, treinamento e preparação dos atletas de alto rendimento realizadas por psicólogos locais.

Entre as décadas de 20 a 50 outros médicos russos, Avksenty Cezarevich Puni (1898-1986) e Peter Rudik, foram responsáveis pela inclusão da disciplina Psicologia do Esporte nos cursos de Educação Física daquele país, além de organizarem eventos e publicações na área, paralelamente à criação dos Institutos para a Cultura Física de Moscou e Leningrado – considerados o marco inicial da Psicologia do Esporte na antiga União Soviética (Rodrigues, 2006).

Outros países também aparecem nesse contexto como a Itália, que sedia em Roma, no ano de 1965, o primeiro Congresso Mundial de Psicologia do Esporte, fato que levou à fundação, no mesmo ano, da *International Society of Sport Psychology* (ISSP), com objetivo de promover e disseminar informações sobre a PE em todo o mundo. Ainda nos EUA, Rubio (2000) informa que, em 1968, foi criada a Sociedade Americana para a Psicologia do Esporte e Atividade Física (NASPSPA) e, em 1985, a Associação para Progresso da Psicologia do Esporte (AAASP), objetivando divulgar o trabalho de instituições ligadas à área. Vieira et al. (2010) acrescentam que, em 1986, é formada na *American Psychological Association* (APA) a divisão 47 (*Sport and Exercise Psychology*) com objetivo de especificar a qualificação necessária para se tornar um psicólogo esportivo.

Os fatos mencionados ilustram o percurso de construção e legitimação dessa área em outros países, permeados pelo avanço de uma aplicação técnica e de produtividade científica, levando a Psicologia do Esporte a destacar-se como prática no cenário mundial desde o início do século XX. O Brasil, ao mesmo em tempo que acompanha alguns desses eventos, trilha seu próprio rumo.

Percurso histórico no Brasil

A Segunda Guerra Mundial deixara vários resquícios, mas o Brasil vivia as expectativas do progresso e do desenvolvimento industrial em meio a um período de oito anos de regime autoritário, o Estado Novo, e Getúlio Vargas dá início à segunda parte de seu domínio político no país (1937-1945). Nesse momento, a Educação Física torna-se obrigatória no currículo escolar pelo artigo 131 da Constituição de 1937 com a inserção da ginástica nos programas escolares e a noção de educação integral, que passam a ser temas comuns nos debates dos anos 1940.

Na década de 50, a nação brasileira viveu o fim da Era Vargas, incluindo seu suicídio em 1954, seguido, logo após, do ousado e polêmico governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961). O Brasil, como outros países, sofreu com a

depressão econômica do pós-guerra e, de acordo com Skidmore (2007), o país não possuía outro caminho, senão a industrialização, para que se transformasse em uma potência mundial. Em meio a uma instabilidade econômica com índices inflacionários crescentes nos cenários político e econômico dessa época, o projeto de civilização do povo brasileiro, criado por Vargas, se mantinha. A ideia principal de construir uma nação potente precisava de homens fortes não só no vigor da saúde física, mas que o processo de educação do indivíduo, abarcasse o todo, ou seja, intelectual, moral ou comportamental – a chamada educação integral era uma educação baseada na disciplina e no controle.⁷

Na Psicologia, as escolas normais, fundadas ainda no século XIX, também tinham objetivo de formar um corpo docente competente e adequado às necessidades do sistema educacional brasileiro e continham, dentre outras, a disciplina “Psicologia aplicada ao desenvolvimento da criança”. Nas primeiras décadas do século XX surgiam os primeiros laboratórios experimentais sinalizando um forte movimento no Brasil para seguir os modelos vigentes no cenário social e cultural internacional da ciência moderna e objetiva (Massimi, 2006). Assim, paralelamente aos acontecimentos políticos, o Brasil vivia um momento de sedimentação de alguns saberes, além da Educação, a Medicina; afinal, se o país precisava se desenvolver com ordem e progresso, a educação e a saúde eram prioritárias.

Importava, portanto, que a sociedade se transformasse de acordo com os objetivos da Modernidade e o país se tornasse desenvolvido, mas para tanto, era necessário que o corpo dos indivíduos fosse fisicamente educado e favorecesse o desenvolvimento de faculdades morais mais elevadas (Lenharo, 1986). Esse contexto cria um cenário favorável para que a Educação Física também se estabeleça como um saber científico, útil à sociedade. O saber psicológico, como mais um produto da Modernidade, assimila as influências desse período caracterizado pela ruptura com a tradição e estímulo ao novo e ao progresso, entendendo as demandas emergentes como fruto da capacidade e da potencialidade humana (Jacó-Vilela, 2001).

No cenário dos grandes eventos esportivos, o Brasil iniciava sua participação nos Jogos Olímpicos de 1948⁸, onde passou a estar presente, sempre com

7 A viabilização desse projeto contou com reformas educacionais que incluíram entre outras mudanças, a obrigatoriedade da prática de atividade física na escola, bem como a criação da primeira Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), em 1932, no Rio de Janeiro, com objetivo de formar professores para educar o físico.

8 O Brasil, nesses jogos, voltou com três medalhas, uma de ouro, uma de prata e uma de bronze, ambas na modalidade de tiro por atletas militares (Rubio, 2004).

medalhistas, em todas as demais edições. Apesar das precárias condições técnicas e estruturais de preparo para essas competições, além dos desportistas civis, o Brasil contava com a participação dos militares⁹, em especial da Marinha e do Exército.

Uma década depois, o Brasil sagra-se Campeão da Copa do Mundo na Suécia (1958) e leva em sua comissão técnica um sociólogo paulista chamado João Carvalhaes¹⁰ (1917-1976) ou professor Carvalhaes, como era conhecido. Ainda que a Psicologia só tenha sido regulamentada em 1962, a formação já existia desde 1950 e muitos profissionais de outras áreas exerciam práticas psicológicas, legitimando o fazer *psi*. Era o caso de João Carvalhaes que, desde os anos 1950, transitava no mundo esportivo, inicialmente publicando artigos sobre o boxe, em jornais da época, com o pseudônimo de João do Ringue. Mas foi sua experiência profissional nas empresas que corroborou para sua atuação na Psicologia. Segundo Costa (1950), Carvalhaes ocupa de 1942 a 1946 os cargos de Escriturário e, depois, como encarregado do Setor de Seleção de Pessoal na *Light & Power* onde executou, a título experimental, trabalhos relativos à aplicação de testes de nível mental, de interesses e de personalidade. Logo após, trabalhou inicialmente como Assistente Técnico da Divisão de Psicologia e Formação Profissional na Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC) (1947-1970), uma Companhia de transportes da cidade de São Paulo.

O mundo “respirava um ar” de período pós-revolução industrial, marcado por avanços científicos, tecnológicos e novas exigências à mão de obra trabalhadora. O Brasil tentava avançar em seu processo de desenvolvimento industrial e a mão de obra qualificada se fazia necessária, razão pela qual os conhecimentos e a experiência de Carvalhaes no âmbito da então psicologia industrial, hoje do trabalho foram necessários para atender a uma demanda social de seleção de pessoas no âmbito das indústrias.

Tal experiência possibilitou uma conexão com o universo esportivo, onde a seleção de atletas capazes e adequados à sua função também já se fazia necessária. Assim, na Federação Paulista de Futebol (1954-1959), João Carvalhaes aplicou seus conhecimentos de psicotécnica¹¹ à realidade esportiva,

9 Nos Jogos Olímpicos de 2016, mais uma vez, as Forças Armadas através de um processo de “repatriação de atletas”, incluiu em seus quadros de oficiais diversos atletas olímpicos, visando os jogos mundiais militares. Para os atletas, o alistamento era a única alternativa de preparo para os Jogos Olímpicos diante do abandono de seus patrocinadores ou da falta de recursos do Estado para esses fins.

10 Conferir mais em Waeny e Azevedo (2003).

11 Terminologia em desuso na atualidade, equivale à avaliação psicológica uma atividade que inclui outros recursos além dos testes psicológicos.

implantando uma unidade de seleção para árbitros de futebol, atuando também na preparação psicológica destes e junto à Seleção Brasileira de Futebol (Waeny & Azevedo, 2003). No mesmo período prestou serviços de avaliação psicológica no São Paulo Futebol Clube, utilizando testes de inteligência, personalidade e de habilidades específicas a fim de melhor orientar os atletas para suas atividades.

Vale destacar que, embora João Carvalhaes seja uma referência significativa na história de constituição da Psicologia do esporte no Brasil, ele não foi o único. Além disso, no cenário atual, 50 anos após essa reconhecida participação de Carvalhaes no futebol brasileiro, ainda temos uma Psicologia do Esporte buscando reconhecimento social no futebol. Pouco a pouco, a partir dos anos 70 e 80 outras modalidades esportivas começam a absorver psicólogos, por iniciativas isoladas. Com os Jogos Olímpicos de 2016, no Brasil, as federações receberam incentivos financeiros para contratar psicólogos, o que favoreceu a atuação de psicólogos do esporte em diversas modalidades esportivas.

Sobre Carvalhaes não ser a única referência histórica, como dito anteriormente, sua experiência profissional configura uma tentativa clara de aplicação dos conhecimentos da psicologia no universo esportivo através da seleção de pessoas. Mas segundo Carvalho (2012), esse tipo de iniciativa já dava sinais de existir há pelo menos uma década no Rio de Janeiro. A autora, em pesquisa realizada nos primeiros periódicos brasileiros da Educação Física¹², identifica artigos em todos os referidos documentos tratando de fenômenos psicológicos, direcionando-os para uma aplicação da psicologia no universo esportivo desde os anos 1940, como pode-se constatar pelos seguintes títulos: “*Psicologia aplicada à torcida*” (1944, Inezil Pena Marinho), “*Um estudo de Psicologia Social em uma equipe de futebol profissional*” (1944, Pio Piano Junior)¹³, “*O Campo Psicológico da dança*” (1946, Maria Helena Pabst de Sá Earp), “*A investigação psicológica no controle científico das atividades desportivas*” (1954-1955, Carlos Sanchez de Queiroz), “*Necessidade de orientação na prática de atividades desportivas*” (1962, Cecília Torreão Stramandinolli)¹⁴.

12 Resultado de Tese de Doutorado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) foram pesquisados os seguintes periódicos: Revista da Escola de Educação Física do Exército (1932 -); Revista de Educação Physica (1932-); Revista Brasileira de Educação Física (1944-1952); Revista Arquivos da ENEFD (1945-1972); (Carvalho, 2012).

13 Revista Brasileira de Educação Física (1944-1952) e Revista Arquivos da ENEFD (1945-1972), respectivamente. A primeira, nos anos de 1948 e 1950, contou ainda com uma sessão de Psicologia cujas responsáveis eram Cecília Torreão Stramandinolli e Elisa Dias Veloso, respectivamente.

14 Revista Arquivos da ENEFD (1945-1972).

Assim, a descoberta desses outros personagens nos confirma que a história da psicologia no universo desportivo vem sendo escrita por diversas mãos, além de João Carvalhaes e antes mesmo dos anos 1950.

Carlos Sanchez Queiroz por exemplo, em seu artigo “*A investigação psicológica no controle científico das atividades desportivas*” (1954/1955), publicado na Revista Arquivos da ENEFD, propõe às entidades desportivas de todo o país o controle psicológico de seus atletas através de “psicólogos autênticos” para atuar na seleção e orientação dos desportistas através da “Psicologia Aplicada”. Queiroz (1954-1955) informa que após consultar bibliografia nacional e estrangeira concluiu que os estudos em torno do tema se limitavam às condições somáticas apresentadas pelos desportistas antes, durante e depois das competições. Para o autor, a estrutura somática é condição e não causa do comportamento do atleta.

Queiroz (1954/1955) baseia seus argumentos nos estudos da Psicologia da Gestalt, tanto através do trabalho de Christian Von Ehrenfels (1859-1932) quanto de Khölher, para explicar a fragilidade do determinismo causal na Psicologia. O referido autor alerta veementemente para que o controle científico das atividades desportivas não se limite ao levantamento das condições somáticas dos atletas, e que o controle psicológico seja recomendado às entidades desportivas com o objetivo de promover e selecionar os atletas para a prática desportiva de modo mais eficaz, desde que tal controle “[...] seja realizado por especialistas esclarecidos e seguros, diplomados por institutos de ensino superior, onde se ministre o ensino sistemático da Psicologia científica e, não, por meros ‘amadores’, improvisados no manejo das técnicas psicológicas, com total ignorância dos fundamentos científicos” (p.114).

Já se observa aqui uma preocupação com os excessos e equívocos na aplicação de testes psicológicos, uma vez que nas primeiras décadas do século XX as possibilidades de controle e mensuração que a psicometria oferecia favoreceram à chegada dos primeiros testes, entre eles os de personalidade, promovem a abertura de um canal de aproximação e inserção do saber psicológico com as indústrias, oferecendo os serviços na avaliação psicológica. Vale ressaltar que os especialistas citados por Queiroz (1954/1955) ainda não eram os psicólogos, mas médicos, considerando a inexistência da profissão de psicólogo, para ele, os médicos devido à sua extensa formação científica, teriam autoridade e competência incontestáveis.

[...] dentre os especialistas capazes de investigar o sentido normativo desta síntese prospectiva representada pela integração do preparo físico, técnico, tático e psico-

lógico dos atletas, antes durante e após as competições, creio não ser injusto nem exagerado ao afirmar serem os médicos desportivos os profissionais mais habilitados face a alta e extensa formação científica que recebem, o que sem favor lhes dá autoridade e competência incontestáveis [...]. (Queiroz, 1963, p.129).

A regulamentação da Psicologia como profissão ocorre em 1962, logo, vários “psicologistas”, como eram chamados os praticantes do fazer *psi* na época, em geral, médicos, educadores e filósofos, se apropriavam do conhecimento já legitimado da psicologia como disciplina e ciência e exercitavam aplicações nas diversas áreas que vinham se estabelecendo no Brasil, sendo que o esporte era mais uma delas.

Outro exemplo de aplicação do saber psicológico no universo esportivo é a iniciativa da professora assistente da cátedra de Psicologia aplicada da ENEFD, Stramandinolli (1964) que se propõe a orientar um trabalho de investigação sistemática das aptidões e traços psicológicos dos desportistas campeões, comparando-os com as qualidades requeridas para as atividades desportistas. Tais iniciativas visam a estabelecer o perfil profissional dos atletas, mas em uma prática profissional, indicando um movimento de ampliação da aplicação da Psicologia ao Esporte. “[...] Assim como a Orientação profissional é capaz de indicar o melhor trabalho para cada homem, visando o bem-estar individual e social, a orientação desportiva indicará o melhor desporto ao desportista” (p. 88).

Na conclusão de seu artigo, Stramandinolli (1964) ainda apresenta princípios gerais da orientação profissional aplicados à orientação desportiva diante da iniciação esportiva, no que diz respeito a orientar na escolha do desporto e reajustar os já orientados diante das dificuldades. Tais ações estariam a serviço dos estudantes e amadores do esporte, das escolas e dos clubes desportivos, assim como aos adultos nas horas de lazer e recreação.

Além disso, os beneficiados por esse tipo de serviço, como indica a autora, incluiriam profissionais dos desportos e dirigentes de clubes, que teriam a possibilidade de contratar jogadores mais capazes, além dos técnicos desportivos. Stramandinolli (1964) já descrevia alguns dos principais campos de atuação da Psicologia do esporte, como iniciação esportiva, alto rendimento, recreação e lazer, que só serão melhor delimitados a partir dos anos 1980.

Psicologia na atualidade e campos de atuação

A presença da Psicologia no cenário esportivo, como dito anteriormente, possibilita uma interface entre psicologia e educação física, além de outros

campos de conhecimento dedicados ao esporte e à atividade física. Embora essa relação comporte tensões no que tange aos limites e possibilidades de atuação entre os profissionais dessas áreas, é possível e necessário um trabalho multidisciplinar.

Tais conflitos já eram sinalizados por Brandão (1995) e Rubio (1999) quando apontavam a presença de diversos profissionais como engenheiros, médicos, ex-atletas se que tornaram técnicos ou treinadores, sem uma preparação acadêmica adequada. Essa realidade retratada nos anos 1990 ainda se faz presente na atualidade, mas com algumas inovações. Além dessa falta de formação acadêmica apropriada e de especializações na área, profissionais oriundos de formações distintas vêm surgindo para ‘treinar mentalmente’ os atletas – *coaches*¹⁵ ou motivadores. Apesar de esse assunto ser atual e estar em discussão entre os profissionais da área, o mesmo não faz parte do escopo desse capítulo.

Para Vieira et al. (2010) o papel do psicólogo esportivo distribui-se na seguinte classificação, considerando a realidade de outros países além da brasileira: ensino – atuando como professor; pesquisa – na função de pesquisador; e Intervenção – como consultor. Inclui todas as modalidades esportivas, quaisquer tipos de atividade física, sem distinção de gênero ou faixa etária, que seja voltado aos praticantes iniciantes e amadores ou aos atletas profissionais do alto rendimento.

As funções de professor e pesquisador se complementam uma vez que podem ser funções ocupadas conjuntamente. Como professor, o psicólogo dedica-se a lecionar as disciplinas de psicologia aplicada ao esporte tanto nos cursos de Educação Física como de Psicologia, em nível de graduação e Pós-Graduação nas Instituições de Ensino Superior. Como pesquisador, o psicólogo realiza pesquisa e estudos referentes à área, considerando a interface com outros saberes e a prática da psicologia do esporte. Dentre os temas presentes nas pesquisas estão personalidade e esporte, influência da torcida, relação técnico – atleta, entre outros.

Considerando os campos relativos à intervenção, apresentaremos os que estão presentes na realidade brasileira, porém sem aprofundamento quanto à abrangência de atuação em cada um deles, os quais poderão ser conhecidos em outros capítulos desse livro, conforme os relatos de experiência.

15 Sobre esse assunto um Grupo de Trabalho em psicologia do esporte vinculados ao CFP emitiu nota esclarecendo as questões éticas dessa prática com a Psicologia. Ver mais em CFP (2016).

- **Esporte educativo ou iniciação esportiva:** voltado a crianças e adolescentes ou adulto iniciante que praticam as atividades físicas e esportivas em clubes ou instituições escolares. Tem como objetivo principal a formação norteada pelos princípios sócioeducativos. O psicólogo do esporte busca compreender e analisar os processos de formação e desenvolvimento relativos à educação e socialização a partir da prática esportiva. Também pode auxiliar o professor de educação física ou o treinador na aplicação de seus métodos educativos e de treinamento respeitando as fases do desenvolvimento cognitivo, emocional e psicossocial. Um exemplo são as escolinhas de natação ou futebol e o esporte escolar.
- **Práticas de tempo livre ou lazer:** são práticas voluntárias que buscam o bem-estar físico e mental. O psicólogo atua nesse contexto analisando o comportamento recreativo dos praticantes de diferentes faixas etárias, níveis sociais ou atuações profissionais. Importante identificar as atitudes, pensamentos ou motivações relacionadas à prática esportiva dos praticantes para contribuir com o aumento da qualidade de vida. Exemplos dessas atividades: corridas de rua, caminhadas e exercícios funcionais, academias, entre outros.
- **Alto rendimento:** a intervenção psicológica voltada ao alto rendimento visa aprimorar ou desenvolver processos psicológicos (percepção, atenção concentração), além de outros fenômenos como motivação, liderança, coesão grupal, entre outros determinantes para o aumento da performance dos atletas ou grupos esportivos em um contexto institucional e formal. Nesse campo de atuação encontram-se os atletas profissionais das diversas modalidades, integrantes de instituições públicas ou privadas, associações ou federações esportivas;
- **Reabilitação esportiva:** voltado para a prevenção e intervenção aos esportistas portadores de alguma lesão decorrente da prática esportiva ou que sejam portadores de algum tipo de deficiência física ou mental. A atuação do psicólogo pode ocorrer em qualquer nível desde a iniciação ao alto rendimento, como junto aos atletas paralímpicos. Para Noce e Melo (2017) a reabilitação através da atividade física é um meio favorável e eficaz à reinserção social, melhoria de qualidade de vida e lazer.
- **Projetos sociais:** esse campo de atuação da Psicologia do Esporte tem como objetivo promover a inclusão social dos indivíduos em vulnerabilidade social e psíquica, através de uma equipe multidisciplinar e do uso de ferramentas pedagógicas associadas a práticas esportivas. Carvalho, Seda e Santo (2013) ressaltam que a realidade brasileira reúne fatores diversos

envolvendo discriminação econômica e cultural, política e étnica, além da inacessibilidade e falta de equidade social. Os projetos sociais surgem como alternativa para minimizar os efeitos desse tipo de violência e exclusão social, entre outros.

Dessa forma, a hipercompetitividade e a pressão pelos resultados não são prioridades como no alto rendimento, tampouco a escolha de novos talentos. Para Garcia e Zaremba (2017) “focar no jovem esportista e em seu desenvolvimento pessoal, reflete antes de tudo uma atitude de cuidado [...]” (p.90). Logo, o psicólogo deve considerar os aspectos socioeducativos (disciplina, socialização, regras, entre outros) presentes em cada modalidade esportiva, com o objetivo de promover uma formação social e cidadã aos praticantes.

- **Clínica do esporte:** esse campo no Brasil tem atuações recentes, mas já se apresenta como uma proposta de intervenção eficaz e necessária. Embora seja uma atuação clínica pertinente à formação de psicólogo, diferencia-se da psicoterapia tradicional por direcionar o foco para a relação entre os fenômenos pessoais e as demandas esportivas que os praticantes ou atletas experienciam.

Considerações finais

Durante o percurso de elaboração deste capítulo, fizemos o caminho de surgimento das primeiras inserções da psicologia no universo esportivo e da atividade física, afim de ilustrar o processo de constituição da Psicologia do Esporte no Brasil que, conforme Carvalho (2012), caracteriza-se em duas fases: a primeira, denominada de *psicologia complementar* (1930-1940), caracteriza-se pela inserção da psicologia como disciplina nos cursos de educação física, através de outros profissionais, como médicos, filósofos, militares, interessados em conhecer melhor os fenômenos humanos diante da prática de atividade física e dos esportes.

Tal inserção resultou nas primeiras iniciativas de aplicação da psicologia no cenário esportivo do alto rendimento e em várias publicações em periódicos da época; a segunda fase, *prática psicológica* (1950-1960) configura-se pelas aproximações possíveis entre esses dois campos de conhecimento Psicologia e Educação Física, ilustrando aplicações da psicologia no cenário esportivo que só se tornam conhecidas socialmente a partir da segunda metade desse mesmo século, com a atuação de João Carvalhaes na seleção brasileira de futebol, em 1958.

Sem dúvida, esse percurso revela a construção de um campo de conhecimento que, aos poucos, foi ganhando consistência teórica e metodológica, ampliando seus focos de atuação a ponto de ser reconhecida como uma área de atuação e especialidade na psicologia, como a conhecemos hoje. O psicólogo do esporte, portanto, dedica-se a cuidar da pessoa que pratica atividade física, em todas as faixas etárias, nas diversas modalidades esportivas, desde à iniciação esportiva ao esporte profissional de alto rendimento, incluindo a reabilitação, práticas em tempo livre ou lazer, projetos sociais e a clínica do esporte.

Contudo, além dos conhecimentos que envolvem as modalidades esportivas, da formação em Psicologia, vale ressaltar que para utilizar as técnicas e os pressupostos da Psicologia no esporte, o profissional psicólogo deverá conhecer mais sobre outras ciências esportivas, como: fisiologia do exercício, biomecânica, periodização de treinamentos, entre outros. Faz-se necessário atentar aos limites pessoais e à faixa etária dos atletas ou praticantes esportivos, exercendo uma atuação ética e multidisciplinar, sem deixar de considerar os elementos econômicos, políticos e socioculturais também presentes nesse cenário que permeiam a atuação do psicólogo do esporte.

Exercite-se e atualize-se!

1. Descreva como a psicologia do esporte desponta no cenário mundial.
2. A história da psicologia do esporte no Brasil no século XX se inclui na história da psicologia brasileira. Quais fatos podem ilustrar isso?
3. João Carvalhaes é considerado um personagem fundamental na história da psicologia do esporte brasileira. Identifique outros nomes que também contribuíram para construção dessa área.
4. O que faz da psicologia do esporte uma especialidade da psicologia?
5. Quais os campos de atuação são possíveis ao psicólogo do esporte?

Referências bibliográficas

- Achcar, R. (Org.). (1994). *Psicólogo Brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação*. São Paulo: Casa do Psicólogo/Conselho Federal de Psicologia.
- Barreto, J. A. (2003). *Psicologia do esporte para o atleta de alto rendimento*. Rio de Janeiro: Shape.
- Brandão, M. R. (1995). Psicologia do esporte. In: A. Ferreira Neto, S. V. Goellner, & V. Bracht (Orgs.). *As ciências do esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados.

- Capraro, A. M. (2009). A breve história Social do Esporte: dialogando com Norbert Elias e Eric Hobsbawn. In G. Gaetner (Org.). *Psicologia e ciências do esporte* (pp. 15-25). Curitiba: Juruá.
- Carvalho, C. A. (2012). *Para além do tempo regulamentar: uma narrativa sobre a história da psicologia do esporte no Brasil*. Tese de doutorado não publicada, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Carvalho, C. A., & Jaco-Vilela, A. M. (2009). Psicologia do esporte no Brasil em dois tempos: uma história contada e uma história a ser contada. In Associação Brasileira de Psicologia Social (Org.), *Anais da XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social* (pp. 1-7). Alagoas: Faculdade Integrada Tiradentes. Recuperado de http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/206.%20psicologia%20do%20esporte%20no%20brasil%20em%20dois%20tempos.pdf.
- Carvalho, C. A., Seda, D. M., & Espírito Santo, A. A. (2013). Garimpendo talentos no futebol: uma pratica de inclusão ou exclusão social? In I. S. Carvalho, & R.F. Ferreira, (Orgs.). *Processos de exclusão na sociedade contemporânea* (p. 233-258). São Luís: Edufma.
- Conselho Federal de Psicologia [CFP]. (2012). *Práticas emergentes e inovadoras de psicólogos (as) no campo das políticas públicas de centros de atenção psicossocial: álcool e drogas*. Brasília: CFP. Recuperado de: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/03/praticasinovadoras_xlcool_e_drogas.pdf.
- Conselho Federal de Psicologia [CFP]. (2016). *CFP e Apaf divulgam nota de esclarecimento sobre a Psicologia do Esporte e coaching*. Recuperado de: <http://site.cfp.org.br/cfp-e-apaf-divulgam-nota-de-esclarecimento-sobre-a-psicologia-do-esporte-coaching-e-sistema-conselhos/>.
- Conselho Federal de Psicologia [CFP]. (2017). *Título de especialista*. Recuperado de: <http://site.cfp.org.br/servicos/titulo-de-especialista/>
- Conselho Federal de Psicologia [CFP]. Resolução n. 13, de 13 de fevereiro de 2007. Institui a Consolidação das Resoluções do Conselho Federal de Psicologia. Recuperado de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/02/resolucao2007_3.pdf.
- Conselho Federal de Psicologia [CFP]. Resolução n. 14, de 20 de dezembro de 2000. Institui o título profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. Recuperado de http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2000/12/resolucao2000_14.pdf.
- Costa, A. M. (1950). Psicologia e o ensino da educação física infantil. *Revista de Educação Física*, 18(64), p. 5-8.
- Degani-Carneiro, F. (2014). 27 de agosto: o processo de regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil. Recuperado de <https://ripehp.com/2014/08/27/27-de-agosto-o-processo-de-regulamentacao-da-profissao-de-psicologo-no-brasil/>.
- Elias, N., & Dunning, E. (1990). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Garcia, R. P., & Zaremba, R. (2017). Esporte e cuidado: a prática esportiva como ferramenta de formação pessoal e transformação social. In C. Medeiros, & A. Lacerda (Orgs.). *Psicologia e esporte na atualidade: reflexões necessárias* (pp. 87-104). São Paulo: Psavento.

- Green, C. D. (2003). Psychology strikes out: Coleman R. Griffith and the Chicago Cubs. *History of Psychology*, 6(3), p. 267-283.
- Hobsbawn, E. J. (1990). *Nações e nacionalismo desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Jacó-Vilela, A. M. (2001). Concepções de pessoa e a emergência do indivíduo moderno. *Revista Interações*, 6(12), p. 11-39.
- Lei n. 4.119, de 27 de agosto de 1962 (1962). Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Brasília. 1962. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4119.htm.
- Lenharo, A. (1986). *Sacralização da política*. Campinas: Papirus.
- Massimi, M. (2006). O processo de institucionalização do saber psicológico no Brasil do século XIX. In A. M. Jacó-Vilela, A.A. L. Ferreira, & F. T. Portugal. (Orgs.). *História da psicologia: rumos e percursos* (p. 159-168). Rio de Janeiro: Nau.
- Noce, F., & Melo, C. C. (2017). Desafios da Psicologia esportiva no esporte adaptado. In C. Medeiros, & A. Lacerda (Orgs.). *Psicologia e esporte na atualidade: reflexões necessárias*. São Paulo: Psavento.
- Queiroz, C. S. (1954/1955). A investigação psicológica no controle científico das atividades desportivas. *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos*, 8(8), p. 107-114.
- Riordan, J. (2009). *Pyotr Fanzevich Lesgaft (1837-1909): the founder of Russian physical education*. Moscow: University of Idaho/Center for Ethics. Recuperado de http://www.educ.uidaho.edu/center_for_ethics/Center%20Staff/Dr.%20P/PSlesgaft.htm.
- Rodrigues, M. C. P. (2006). *Psicologia do esporte: discussões sobre o cenário brasileiro*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Rodrigues, M. C. P., & Azzi, R. G. (Orgs.). (2007). *Psicologia do esporte: trilhando caminhos em busca de iniciação na área*. Baureri: Livraria Universitária.
- Rubio, K. (1999). A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 19(3), p. 60-69. doi: 10.1590/S1414-98931999000300007.
- Rubio, K. (2003). *Psicologia do esporte: teoria e prática*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2004). *Heróis olímpicos brasileiros*. São Paulo: Zouk.
- Rubio, K. (Org.). (2000). *Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Samulski, D. (2002). *Psicologia do esporte*. Barueri: Manole.
- Skidmore, T. (2007). *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco 1930-1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Stramandinolli, C. T. (1964). Contribuição da psicologia à orientação desportiva. *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos*, 20(19), p. 31-48.
- Vieira, L. F., Vissoci, J. R. N., Oliveira, L. P., & Vieira, J. L. L. (2010). Psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia. *Psicologia em Estudo*, 15(2), p. 391-399. doi: 10.1590/S1413-73722010000200018.
- Waeny, M. F. C., & Azevedo, M. L. B. (2003). *João Carvalhaes: pioneiro da Psicologia do Esporte*. Recuperado de: www.crp.org.br/crp/memoria/pioneiros/carvalhaes/fr_carvalhaes_artigo.aspx.
- Weinberg, R. A., & Gould, D. (2008). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed.